

Uso de condom entre estudantes universitários do sul do Brasil

Maria Teresa De Aquino Campos Velho*, Anaelena Bragança de Moraes**, Fernanda Gabriel Santos****, Luciele Cristofari da Silva***, Alessandro Ferroni Tonial****, Fernanda Paula Franchini****, Nelson Barbosa Franco Neto****, Itamar dos Santos Riesgo***

RESUMO: Pretendeu-se estimar a prevalência e o comportamento quanto ao uso de condom entre estudantes universitários através de inquérito epidemiológico. Utilizaram-se a estatística descritiva das variáveis e análise bivariada, com a realização dos testes qui-quadrado de Pearson, exato de Fisher e t de Student. De 330 estudantes, 84,5% foram incluídos na análise. O percentual de alunos que já haviam usado condom foi de 96,9% e o uso consistente deste foi maior entre os homens ($p=0,013$). Os indivíduos que não usaram preservativo na última relação sexual (57,3%) justificaram o fato por possuírem relacionamento estável. Os homens afirmaram redução do prazer ao uso de condom. Dos entrevistados, 67,2% acreditavam na importância do uso do método como prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis. A relação estável demonstrou ser fator para o não uso do condom, e várias pessoas referiram desconforto e menor prazer com o método. As mulheres foram mais suscetíveis ao sexo desprotegido.

Descritores: Estudantes; Adulto jovem; Preservativos; Anticoncepção; Comportamento sexual.

Condom use among college students in southern Brazil

ABSTRACT: Intend to estimate the prevalence and behaviour in relation to condom use between college students through an epidemiologic survey. Descriptive statistics of the variables and bivariate analysis were done as well as the Pearson chi-square, Fischer exact and Student t tests. Amongst 330 students, 279 (84.5%) were included; 96.9% that had previously experienced the use of the condom. Consistent use of this device was predominant between males ($p=0.013$). Individuals who did not use the condom in their last intercourse attested that their's was a stable relationship. The reduction in pleasure was more often reported by males. Condom use was considered by 67.2% to be an important method to prevent sexually transmitted diseases. A stable relationship was shown to be a factor for not to use the condom and a considerable number of individuals mentioned discomfort and reduced pleasure. Females were shown to be more prone to practice unprotected intercourse.

Descriptors: Students; Young adults; Condoms; Contraception; Sexual behaviour.

* Professora Adjunta do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Professora Adjunta e Chefe do Departamento de Estatística da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – UFSM – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

*** Professor Adjunto do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Federal de Santa Maria– UFSM – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

**** Acadêmico (a) do Curso de Medicina da da Universidade Federal de Santa Maria– UFSM – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Introdução

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, no sul do Brasil, mantém três Casas de Estudantes Universitários (CEU) destinadas ao abrigo de alunos carentes. O conceito de carência é uma situação de vulnerabilidade socioeconômica reconhecida mediante avaliação da realidade do grupo familiar do estudante. O critério considerado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFSM para carência consiste em possuir um salário per capita inferior a R\$ 500,00. Essas casas abrigam cerca de 1400 moradores, sendo considerado o maior complexo de moradia estudantil do sul do país e possivelmente do Brasil.

Seus moradores por serem, em sua maioria, adolescentes e adultos jovens, encontram-se no despertar do processo de desenvolvimento da sexualidade, um período de mudanças em suas vidas, no que diz respeito ao comportamento social e sexual. É nesta fase de transição para a maturidade, marcada por significativas e combinadas mudanças de ordem pessoal, social, psicológica e fisiológica, nem sempre harmoniosas e tranquilas, que o conhecimento sobre o uso de métodos contraceptivos e sobre os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas são fundamentais para que os jovens possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável.¹ Dessa forma, ao lado de um aprendizado de vivência sexual sadia, geralmente surgem questões relacionadas a essas experiências, como a prevenção da gravidez indesejada e das doenças sexualmente transmissíveis (DST).^{2,3}

Estudiosos do tema relatam que o início das atividades sexuais pelos jovens não é, no geral, acompanhado pela conscientização da necessidade do uso consistente de medidas de proteção.⁴ Contudo, tem-se observado um incremento no uso de camisinha na primeira relação sexual, tanto no contexto de relações com parceiros fixos quanto em situações de parceiros casuais.^{5,6}

Além disso, estudos recentes indicam que a maioria dos estudantes possui um conhecimento teórico correto sobre as medidas preventivas contra DST e que provavelmente existem fatores culturais ou relacionados à educação que dificultam o uso adequado na prática, das medidas preventivas pelos universitários.^{7,8} Por um lado, alguns estudos referem que existe a consciência de que são necessárias algumas precauções para se realizar certas práticas sexuais, que podem depender também de fatores como o nível socioeconômico e a idade.^{5,6} Por outro, alguns autores relatam que o uso adequado de métodos contraceptivos pode ou não estar associado ao nível de escolaridade.^{9,11}

No Brasil, segundo uma pesquisa realizada em 2006, praticamente todas as mulheres entrevistadas conheciam algum método de contracepção. Dentre elas, as adolescentes (15-19 anos) e adultas jovens (20-24 anos) foram as que demonstraram utilizar, em maior proporção, algum tipo de método anticoncepcional. Esse uso, no estudo, foi de 55,7% e 87,1%, respectivamente.¹²

Considerando a importância dessas questões e buscando contribuir para o conhecimento da saúde sexual dos adolescentes e jovens, o presente estudo teve por objetivo conhecer, descrever e analisar o comportamento de universitários sobre o uso de preservativos masculinos.

A relevância da presente pesquisa reside na possibilidade de contribuir para o esclarecimento da situação, já que a produção científica sobre a temática proposta, realizada em moradias estudantis de universidades federais é escassa. Desse modo, faz-se necessário ampliar a compreensão do significado de morar num conjunto residencial universitário e de

viver a sociabilidade juvenil sob tais condições, como também explicitar aspectos relacionados à saúde sexual, principal objetivo deste estudo. A identificação das práticas sexuais, das medidas preventivas e do conhecimento dessa população sobre esses aspectos mostram-se relevantes na medida em que podem permitir a identificação de situações e questões que futuramente possam constituir embasamentos para intervenções na promoção e educação em saúde dos jovens.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, foi feito um estudo transversal descritivo, no qual a amostra avaliada foi selecionada utilizando-se um processo de amostragem aleatória simples entre estudantes da UFSM, residentes nas CEU.

Os dados aqui analisados referem-se à parte dos achados da pesquisa “Perfil da sexualidade e outras vivências dos moradores das Casas do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Realizou-se a coleta de dados no período de julho a dezembro de 2009.

O projeto “Perfil da sexualidade e outras vivências dos moradores das Casas do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria”, foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSM em reunião de 08/05/2007. CAAE nº 0049.0.243.000-07.

Os cálculos para a amostra visaram detectar uma prevalência mínima de 8,8% para homens e 5% para mulheres, relativa à variável DST, tendo-se como base estudo realizado.¹³ Esta variável está presente na pesquisa “Perfil da sexualidade e outras vivências dos moradores das Casas do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria”, mas não abordada neste artigo. Foi utilizado um erro amostral de 5%, nível de significância (α) de 5% e intervalo de confiança (IC) de 95%, sendo acrescentado à amostra 10% de seu valor a fim de neutralizar possíveis perdas e recusas. Desse modo, a amostra foi constituída por 330 estudantes considerados adolescentes (10-20 anos incompletos) ou adultos jovens (20-24 anos).

Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário autoaplicável composto por 56 questões, a maioria de múltipla escolha, com os seguintes temas: dados sócio-econômicos, planejamento familiar, métodos contraceptivos e DST. Para este artigo, foram estudadas questões referentes a dois módulos do questionário integral, que investigaram características de moradia e atitudes/comportamentos em relação ao uso de condom.

A execução do trabalho de campo ficou a cargo de cinco pesquisadores, estudantes de medicina, todos submetidos a treinamento prévio e participação em estudo piloto.

O instrumento de coleta foi entregue a cada indivíduo selecionado no processo de amostragem para ser preenchido. A amostragem foi realizada por meio de sorteio aleatório simples sem reposição. Informações preliminares sobre o estudo, resposta aos diferentes tipos de itens e garantia de sigilo e anonimato foram explicadas no momento da abordagem. Após um dia, o pesquisador retornava para a coleta dos questionários e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. A fim de garantir a confidencialidade, foi utilizada uma caixa lacrada na coleta dos questionários.

Utilizou-se como critérios de inclusão na pesquisa: ser estudante, adolescente ou adulto jovem, da graduação da UFSM e residir nas CEU dessa mesma universidade.

Nesse artigo, “parceria fixa” foi definida como aquela em que as pessoas viviam em situação de casamento, união estável, noivado ou namoro. Essas relações implicavam comprometimento afetivo e compromisso, enquanto que “parceria eventual” foi definida como as relações na qual não houvesse compromisso de continuidade.

Considerou-se “uso consistente” de camisinha afirmar fazer uso dela sempre ou quase sempre, e foi considerado “uso não consistente” utilizar o método às vezes, raramente ou nunca nas relações sexuais. Conforme pesquisa sobre o uso de preservativo na população brasileira, essa classificação é considerada mais adequada para a análise do padrão de uso do preservativo e sua conseqüente efetividade protetora.¹⁴ Os termos condom, preservativo e camisinha foram considerados sinônimos.

Para a análise dos dados, foi utilizada a estatística descritiva das variáveis, bem como sua análise bivariada, com a utilização dos testes do qui-quadrado de Pearson, exato de Fisher e t de Student. As análises foram desenvolvidas com o auxílio do aplicativo computacional SPSS 15.0, pertencente à instituição onde se realizou o estudo.

Resultados

Da amostra selecionada de 330 indivíduos, participaram da pesquisa 279 estudantes (84,5%). Dos 51 restantes, 47 foram perdas e recusas, e quatro fichas não foram incluídas no estudo por preenchimento incorreto dos questionários.

Dos estudantes incluídos, 50,2% eram homens e 49,8% eram mulheres. A população estudada era composta principalmente por adultos jovens, com a média de idade de 21,8 anos para o sexo feminino e de 22,5 anos para o masculino. A maioria dos universitários (64,9%) ingressou na universidade com idade de até 19 anos. Dos entrevistados, 40,7% afirmaram estar na metade do curso. Quanto ao estado civil, 93,5% eram solteiros no momento da entrevista, enquanto que 5,4% referiram ser casados ou viverem junto com o parceiro, e 1,1% eram divorciados. Muitos entrevistados (60,5%) eram oriundos de famílias com renda de até três salários mínimos.

Verificou-se que grande parte dos universitários, de ambos sexos, já tinham iniciado a vida sexual no momento da entrevista. A resposta afirmativa para essa questão foi discretamente mais freqüente entre os homens (50,8%) do que entre as mulheres (49,2%), não sendo a diferença significativa ($p=0,353$). Dos entrevistados, 7,1% não haviam iniciado a vida sexual. A idade média da iniciação para os homens foi de 16,9 anos e para as mulheres de 17,5 anos, não havendo diferença significativa entre as médias ($p=0,386$). Entre as pessoas entrevistadas com vida sexual, 3,5% referiram ter filhos.

Em relação aos tipos de relacionamentos em que a sexualidade foi exercida, ficou demonstrado que o namoro foi um dos modos mais importantes para propiciar o encontro sexual. Neste estudo, 51,4% dos entrevistados namoravam, e esse tipo de parceria fixa esteve significativamente mais presente entre as mulheres ($p=0,002$).

Quanto ao uso de condom, entre os moradores participantes da pesquisa, 96,9% afirmaram já ter usado preservativo pelo menos uma vez na vida, sendo que 74,9% dispunham dele no momento em que respondiam o questionário. Na Tabela 1, pode-se verificar a comparação dessas variáveis em relação ao sexo dos participantes.

Tabela 1 – Caracterização dos aspectos da vida sexual e uso de condom entre os estudantes, segundo o sexo. Santa Maria/RS, Brasil, 2009 (n = 279).

Variável ^a	Sexo				
	Masculino		Feminino		
	n	%	n	%	
Namora					0,002
Não	80	57,6	54	39,1	
Sim	9	42,4	84	60,9	
Total	139	100,0	138	100,0	
Início da vida sexual					0,353
Não	8	5,8	12	8,6	
Sim	131	94,2	127	91,4	
Total	139	100,0	139	100,0	
Já fez uso da camisinha					0,276
Não	2	1,5	5	3,9	
Sim	130	98,5	123	96,1	
Total	132	100,0	128	100,0	
Camisinha disponível					< 0,001
Não	17	12,3	50	37,6	
Sim	121	87,7	83	62,4	
Total	138	100,0	133	100,0	

^a Todas as variáveis aqui descritas devem ser consideradas como respostas obtidas pelos estudantes no momento em que respondiam o questionário.

Ao analisar a frequência da utilização de camisinha, observou-se uma maior ocorrência do seu uso consistente entre os homens (56,5%) do que entre as mulheres (43,5%), sendo essa diferença significativa. Esse, dentre outros dados discriminados como idade, tipo de parceria, auto-avaliação quanto ao risco de contrair uma DST e redução do prazer com uso de preservativo, estão explicitados na Tabela 2.

Tabela 2 – Comportamento sexual dos estudantes, segundo uso de condom. Santa Maria/RS, Brasil, 2009 (n = 279).

Variável ^a	Uso de condom				Valor de p
	Uso consistente		Uso não consistente		
	n	%	n	%	
Sexo					0,013
Masculino	100	56,5	30	39,5	
Feminino	77	43,5	46	60,5	
Total	177	100,0	76	100,0	
Idade atual					0,524
11-19 anos	35	20,1	12	15,8	
20-24 anos	106	60,9	52	68,4	
> 24 anos	33	19,0	12	15,8	
Total	174	100,0	76	100,0	
Tipo de parceria					<0,001
Parceiro fixo	101	58,7	71	94,7	
Parceiro fixo e mais alguém	17	9,9	2	2,7	
Parceiro eventual	54	31,4	2	2,7	
Total	172	100,0	75	100,0	
Auto-avaliação quanto ao risco de contrair uma DST ^b					0,533
Não	114	64,4	54	71,1	
Sim	25	14,1	10	13,2	
Às vezes	38	21,5	12	15,8	
Total	177	100,0	76	100,0	
Redução do prazer sexual com uso do preservativo					<0,001
Não	104	59,4	25	33,3	
Sim	71	40,6	50	66,7	
Total	175	100,0	75	100,0	

a Todas as variáveis aqui descritas devem ser consideradas como respostas obtidas pelos estudantes no momento em que respondiam o questionário. b DST = doença sexualmente transmissível.

Afirmaram ter usado condom durante a última relação sexual 57,3% dos estudantes. Dentre os entrevistados que não utilizaram o preservativo na última relação sexual, 37,5% justificaram o ato por terem um relacionamento estável, 20,5% por usar outro método contraceptivo e 11,3% referiram as duas situações em concomitância.

Dos participantes, 20,2% afirmaram não ter parceiro sexual fixo. Destes, 96,4% faziam uso consistente de camisinha. Entre os que relataram ter parceiro sexual fixo, 58,7%

afirmaram seu uso consistente e, comparando-se os dois grupos, pode-se verificar diferença significativa ($p < 0,001$). A maior parte dos respondentes (96,6%) sentia-se desinibida para usar e/ou para pedir que o parceiro utilizasse o condom.

Uma das perguntas do questionário era referente à presença de dificuldades com o uso da camisinha. Obteve-se resposta afirmativa em 14,4% dos entrevistados. Contudo, não houve diferença significativa ($p = 0,672$) entre homens e mulheres quanto a alguma dificuldade no uso de condom.

Na Figura 1 estão representados os obstáculos mais comumente descritos entre os entrevistados que referiram algum tipo de problema com o uso da camisinha, sendo consideradas as seguintes respostas como dificuldades no uso do condom: “preservativo apertado”, “difícil de colocar” e “tamanho inadequado do preservativo”.

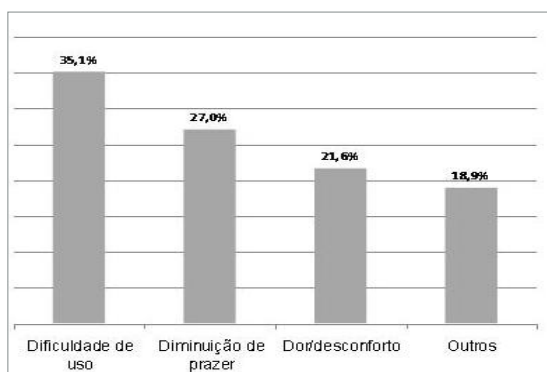


Figura 1 – Problemas com o uso de condom referidos pelos estudantes. Santa Maria/RS, Brasil, 2009 (n = 40).

Os estudantes que fizeram parte do estudo também foram questionados especificamente quanto à questão do prazer sexual relacionado ao uso de camisinha. Verificou-se que 46,6% dos participantes relataram diminuição do prazer, sendo que, destes, os homens foram os que mais mencionaram essa condição. Na Figura 2 pode-se observar a distribuição da variável “redução do prazer”, conforme o sexo dos estudantes.

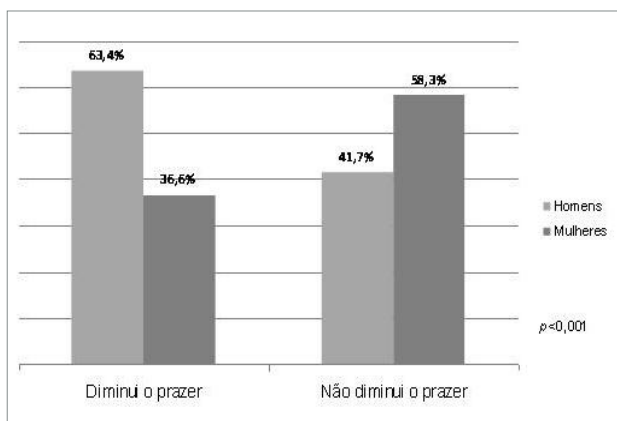


Figura 2 - Diminuição do prazer sexual com o uso de condom conforme o sexo dos estudantes. Santa Maria/RS, Brasil, 2009 (n = 130).

Entre os que afirmavam que o uso da camisinha interferia no prazer da relação sexual, 41,3% não faziam uso consistente dela, sendo que os que relataram que a camisinha não

interferia no prazer sexual, um percentual significativamente menor (19,4%) não fazia uso consistente desse preservativo ($p < 0,001$).

Por um lado, apesar do conhecimento sobre o uso de preservativo, paradoxalmente, 83,3% dos entrevistados acharam que é possível fazer sexo com prazer sem risco de contrair uma DST fazendo uso ou não de preservativo. Por outro lado, 67,2% dos estudantes disseram também acreditar na importância do uso da camisinha como medida preventiva contra DST, mesmo em relações estáveis.

Discussão

O presente estudo assumiu um caráter investigativo quanto a algumas práticas sexuais e uso de condom entre estudantes que residem em conjuntos habitacionais universitários, sendo, assim, realizado por meio de um delineamento transversal de uma comunidade acadêmica.

Com base nos resultados apresentados, verificou-se que não houve diferença estatisticamente significativa entre os sexos quanto ao início da atividade sexual, o que pode denotar um reflexo na mudança do padrão habitual do comportamento sexual observado entre homens e mulheres nas últimas décadas.^{15,16}

Quanto à utilização do condom alguma vez na vida, 96,6% dos respondentes afirmaram já ter utilizado o método. A frequência de seu uso consistente foi de 69,6%, independente do tipo de parceria. Verificou-se, então, que os resultados obtidos foram superiores aos que foram encontrados por outros autores.^{17,18} Esses achados podem ser explicados pelo fato de a população em estudo ser constituída de jovens que cursam o ensino superior, visto que alguns trabalhos relatam que a população jovem é a que mais se protege nas relações sexuais,¹⁹⁻²² assim como a população mais escolarizada apresenta maiores níveis de uso do preservativo quando comparados a pessoas de mais idade e menor escolaridade.⁶ Contudo, existem controvérsias e comportamentos paradoxais neste estudo, quando os alunos são inquiridos sobre o uso de preservativos.

Como verificado no último parágrafo dos resultados, observou-se o que é amplamente descrito na literatura: o comportamento paradoxal dos jovens em relação ao uso consistente de métodos de prevenção, dentre eles, o preservativo masculino.^{9,13,18} Verifica-se que mesmo um conhecimento intelectual sobre os cuidados com relação à saúde sexual não é suficiente para que os jovens realmente incorporem comportamentos preventivos.

No tocante ao condom na última relação sexual, foi observado que o seu uso, entre jovens de 15 a 24 anos, foi de 57,3%. Valores similares foram encontrados em outros estudos. Em pesquisa do Ministério da Saúde no ano de 2004.²² Já em outro estudo nacional realizado em 2005, esse percentual foi de 55,5% para jovens da mesma faixa etária,⁶ enquanto que em pesquisa com jovens de 18 a 24 anos, realizada em três capitais brasileiras em 2002, observou-se taxa de 51% no uso de preservativo durante a última relação sexual.²³

Observou-se que o principal fator de privação no uso de preservativos, na última relação sexual, foi justificado pelo fato dos estudantes vivenciarem um relacionamento estável e/ou adotarem o uso de outro método contraceptivo. Sugere-se que este tipo de comportamento pode colocar os jovens que possuem parceiro sexual fixo em risco para contrair uma DST. Um estudo em população brasileira corrobora esses achados, visto que demonstrou que o uso

consistente do preservativo entre indivíduos com idade de 14 a 25 anos e que possuem parceiros fixos é de 28,3%, sendo a confiança no parceiro o principal motivo apresentado pelos entrevistados para dispensar o preservativo (53%). O segundo motivo, descrito neste estudo, para a não utilização do preservativo masculino foi o uso de outro tipo de anticoncepção (11%).¹⁴

Somado a isso, verificou-se que as mulheres apresentaram uma maior proporção de parceiros sexuais fixos e, talvez por esse motivo, relataram uma menor utilização de condom, quando comparadas ao sexo oposto. Desse modo, pode-se supor que elas poderiam ser menos cuidadosas na prevenção contra DST, pois demonstraram exigir menos enfaticamente o uso de preservativo nas relações sexuais. Isso pode ser explicado, por um lado, pelo fato de haver uma tendência do preservativo ser gradativamente substituído pela pílula, principalmente entre os estudantes que estão namorando, ou seja, que possuem parceria fixa⁹ e, por outro lado, porque as mulheres, por questões de gênero, ainda não fazem valer de forma efetiva seu posicionamento contrário a ter relações sem proteção. A submissão e o medo de perder o parceiro podem contribuir para inadequado comportamento.

Além disso, o sexo masculino foi o que mais dispunha de camisinha no momento de responder o questionário. Desse modo, pode-se sugerir que uso da pílula estaria vinculado ao papel de regulação da fecundidade desempenhado pela mulher, cabendo ao homem o papel de responsável pela prevenção das DSTs. Contudo, nos relacionamentos considerados estáveis, a prioridade deixa de ser a proteção das infecções de transmissão sexual e passa ser a prevenção da gravidez.²³

Destaca-se neste estudo, um alto índice de estudantes que não tinham parceiro fixo e faziam uso consistente do preservativo (96,4%). Em pesquisa que avaliou o uso de preservativos na população brasileira, observou-se que em 1998 o uso consistente de camisinha entre pessoas somente com parcerias eventuais foi de 63,5%, passando para 78,6% em 2005.⁶

Observou-se, também, que os participantes desta pesquisa não tinham, em sua maioria, inibição para usar camisinha ou para pedir que o parceiro a utilizasse. Tal fato denota modificações culturais e comportamentais importantes dos jovens, principalmente nas últimas décadas, com relação à incorporação de práticas protetoras e preventivas no momento do sexo, se compararmos com mais tempo no passado.^{24,25} Isso pode ter ocorrido pelo surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) e pode ser atribuído ao sucesso de suas campanhas de prevenção, uma vez que a geração mais nova já nasceu sob o impacto dessa pandemia, parecendo ser mais permeável à adoção do uso do preservativo do que os mais velhos, que se iniciaram sexualmente sem essa ameaça.^{24,25}

Desse modo, os presentes achados sugerem que a opinião dos entrevistados sobre a importância do uso de camisinha para prevenir DST (67,2%), mesmo nas relações estáveis, não foi condizente com a prática do seu uso consistente entre os estudantes que relataram possuir parceiro fixo (58,7%). Isso demonstra que, a despeito do reconhecimento da importância do uso desse método e da desinibição para adotar o uso do condom, os estudantes tendem a negligenciá-lo e a abandoná-lo com o passar do tempo e com a estabilidade da relação amorosa.

Sobre a questão da redução do prazer sexual com o uso da camisinha, verificou-se que, enquanto essa condição foi relatada por 46,6% dos alunos entrevistados que já haviam iniciado a vida sexual em pesquisa realizada entre 534 estudantes universitários da

Universidade de Ribeirão Preto, 20,4% dos universitários afirmaram que o preservativo reduzia o prazer sexual.¹⁷ Além disso, os estudantes que relataram diminuição do prazer sexual com a utilização de camisinha, não a usaram consistentemente. Esse fato também foi relatado entre adolescentes norte-americanos.²⁶

É perfeitamente evidente que a soma de fatores negativos e estereotipados, atribuídos ao uso do condom, contribua fortemente para o não uso do mesmo. Outros estudos apontam que as razões para o uso irregular da camisinha estiveram associadas, além da redução do prazer sexual, à irritação, à não naturalidade do uso, ao desconforto, ao esquecimento, à desconfiança, à insatisfação, ao embaraço associado à compra do preservativo, à inconveniência de ter que colocar o condom no decurso do encontro sexual e à não disponibilidade do preservativo.^{27,28} Afora isso, acrescenta-se o temor de poder ter um desempenho eretivo e sexual ruim, o incômodo provocado pelo preservativo e a opinião negativa da parceira como elementos que contribuem para restringir o uso desse contraceptivo.²⁹

Os achados deste trabalho reforçam a idéia de que o comportamento masculino parece evocar mitos e preconceitos, principalmente no que tange ao prazer sexual. As mulheres, por sua vez, ainda não exigem suficientemente, para sua segurança, o uso consistente do método. Supõe-se que fatores culturais e educacionais relacionados às assimetrias de gênero, “papéis ditos femininos”, estejam intrinsecamente relacionados a essa atitude.³⁰

Considerações Finais

Desse modo, observou-se que, mesmo lidando com pessoas de um maior grau de instrução, ainda se faz necessária a implantação de políticas educacionais no âmbito da sexualidade, visando à orientação de jovens quanto às práticas sexuais sadias a fim de reduzir a incidência de DST e gravidez não planejada nessa população. Portanto, tornar os jovens mais responsáveis e mais atentos quanto aos cuidados com a sua saúde sexual, bem como a de seus parceiros é imprescindível, sendo estas ações de saúde de suma importância.

O presente estudo tem como limitação ter usado uma amostra restrita a uma universidade pública do sul do país, o que não permite estender seus resultados ao universo de jovens universitários no Brasil. No entanto, os autores acreditam que esta mesma realidade seja vivenciada em outras instituições.

Referências

1. Santos VL, Santos CE. Adolescentes, jovens e AIDS no Brasil. In Schor N, Mota MSFT e Branco VC. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Ministério da Saúde - Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília; 1999, 223-229.
2. Hearst N, Chen S. Condom promotion for AIDS prevention in the developing world: is it working? Stud Fam Plann. 2004;35:39-47.
3. Kaestle CE, Halpern CT, Miller WC, Ford CA. Young age at first sexual intercourse and sexually transmitted infections in adolescents and young adults. Am J Epidemiol. 2005;161:774-80.

4. Rabelo STO, Falcão JSPJ, Freitas LV, Lopes EM, Pinheiro AKB, Aquino PS, et al. Gravidez e DST: Práticas preventivas entre universitários. *DST – J Bras Doenças Sex Transm.* 2006;18:148-155.
5. Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Rev Saúde Pública.* 2008;42 Supl 1:45-53.
6. Berquó E, Barbosa RM, Lima LP. Uso de preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira. *Rev Saúde Pública.* 2008;42 Supl 1:34-44.
7. Machado AA, Gir E, Duarte G, Andreghetto AC, Pezza VV. Avaliação do conhecimento sobre DSTs e AIDS entre universitários de Ribeirão Preto/SP. *DST – J bras Doenças Sex Transm.* 1997;9:12-6.
8. Singh K, Fong YF, Ratnam SS. Attitudes to AIDS and sexual behavior among a cohort of medical students of Singapore. *Singapour Med J.* 1992;33:58-62.
9. Pirota KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Rev Saúde Pública.* 2004;38:495-502.
10. Wellings K, Collumbien M, Slaymaker E, Singh S, Hodges Z, Patel D, et al. Sexual behaviour in context: a global perspective. *Lancet.* 2006;368:1706-28.
11. Narring F, Wydler H, Michaud PA. First sexual intercourse and contraception: a cross-sectional survey on the sexuality of 16–20 year-olds in Switzerland. *Schweiz Med Wochenschr.* 2000;130:1389-98.
12. Berquó E, Garcia S, Lago T. Pesquisa nacional de demografia e saúde da criança e da mulher – PNDS 2006. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
13. Oppermann K, Gassen DT, Fracasso JI, Da Rosa LC. Postura dos universitários de Passo Fundo em relação à contracepção e prevenção de DSTs. *Revista AMRIGS.* 2002;46:146-150.
14. Paiva V, Venturi G, França JRI, Lopes F. Uso de preservativos: Pesquisa Nacional MS/IBOPE; 2003.
15. Araújo MD. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicol. Clin.* 2005;17(2).
16. Arán M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Rev. Estud.* 2003;11(2).
11. Gir E, Duarte G, Carvalho MJ. Opinião de universitários sobre o uso do condom e sua influência no exercício da sexualidade. *Medicina Ribeirão Preto.* 1997;30:100-105.
18. Bastos MR, Borges ALV, Hoga LAK, Fernandes MP, Contin MV. Práticas contraceptivas entre jovens universitárias: o uso da anticoncepção de emergência. *Texto Contexto Enferm.* 2008;17:447-56.
19. Calazans G, Araujo TW, Venturi G, França-Junior I. Factors associated with condom use among youth. *AIDS.* 2005;19 Supl 4:42–50.
20. Paiva V, Pupo LR, Barboza R. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. *Rev Saúde Pública.* 2006;40:109-19.
21. Pinho MD, Berquó E, Oliveira KA, Lopes F, Lima LCA, Pereira N. Juventudes, Raça e vulnerabilidades. *Rev Bras Estud Popul.* 2002;19:277-94.
22. Pascom ARP. Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira 2004. In: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Pesquisa de conhecimento atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Brasília; 2005;16-34.
23. Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cad. Saúde Pública.* 2006;22:1385-96.
24. Castro MG, Abramovay M, Silva LB. Juventudes e sexualidade. 1ª ed. Brasília: UNESCO; 2004.
25. Arredondo A, Goldstein E, Oliveira MP, Bozon M, Giraud M, Mesich A, et al. Estudio nacional de comportamiento sexual: primeros analisis. Santiago de Chile: Comisión Nacional del Sida, Ministerio de Salud; 2000.

26. Hingson RW, Strunin L, Berlin BM, Heeren T. Beliefs about AIDS, use of alcohol and drugs, and unprotected sex among Massachusetts adolescents. *Am J Public Health*. 1990;80:295-299.
27. Alves MFP. Sexualidade e prevenção de DST/aids: representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2003;19 Supl 2:429-439.
28. Andrade LS, Therrien SMN. A sexualidade masculina e a vulnerabilidade ao HIV/AIDS. *DST – J bras Doenças Sex Transm*. 2005;17:121-126.
29. Madureira VSF, Trentini M. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS. *Ciênc. saúde coletiva*. 2008;13:1807-1816.
30. Coutinho SAB. *Direitos da filha e direitos fundamentais da mulher*. Curitiba: Ed. Juruá; 2004.

O software SPSS 15.0 utilizado neste estudo pertence à Direção de Ensino e Pesquisa (DEP) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM).

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Maria Teresa De Aquino Campos Velho

Endereço para correspondência — Av. Roraima, nº 1000, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, prédio 26. Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, Bairro Camobi, CEP: 97105-900. Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: mtcamposvelho@hotmail.com

Recebido em 20 de maio de 2011.

Aceito em 02 de agosto de 2011.